

# ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS NO NORTE DE MINAS GERAIS VARZELÂNDIA: O SÍTIO DO ZÉ PRETO (MG-VG-27)

Ondemar F. Dias Jr.  
Paulo Seda  
Monica T. Bello

## RESUMO

*O Sítio do Zé Preto localiza-se no Distrito de Campo Redondo, próximo à cidade de Varzelândia e nos limites entre os Estados de Minas Gerais e Bahia. Situado em um canhão calcário, os "boqueirões" locais, é uma caverna, com suficiente espaço habitacional.*

*Apresenta estratigrafia pouco complexa e um acervo arqueológico significativo, especialmente lítico e de arte rupestre. No presente trabalho são abordados suas características gerais, inserção na paisagem e os principais aspectos dos trabalhos desenvolvidos em mais de uma missão arqueológica pela equipe do IAB nos últimos anos.*

## 1. INTRODUÇÃO

O sítio do Zé Preto (MG-VG-27) foi localizado em 1982 pela equipe de prospecção do IAB nas proximidades da vila de Campo Redondo, município de Varzelândia, no norte do Estado de Minas Gerais.

Ele se integrou, então, nos projetos de pesquisas do "Programa Grutas Mineiras", que se iniciou em 1980, como um desdobramento do Programa de Pesquisas Arqueológicas no Vale do São Francisco em Minas Gerais (PROPEVALE) iniciado em 1970 e que tinha entre seus objetivos gerais o levantamento do potencial arqueológico do vale mineiro daquele rio, até então muito pouco conhecido, exceto na região de Lagoa Santa. Como consequência do PROPEVALE, voltado básica, mas não exclusivamente, para a prospecção, um número avultado de sítios foram pesquisados, especialmente cavernas e abrigos nos inúmeros pilares tectônicos calcários da "Série Bambuf".

A partir de 1980, com o objetivo principal, mas não exclusivo, de aprofundar o conhecimento em sítios já anteriormente levantados ou prospeccionados, foi organizado o "Programa Grutas Mineiras", centrado em sítios cobertos que demonstraram uma potencialidade arqueológica evidente. A prospecção passou, então, a ter caráter secundário, complementando informações sobre a ocorrência de outros sítios localizados nas proximidades daqueles então escavados.

Assim, ainda naquele ano foi escavado o sítio Lapa da Foice II, em Unaf e, em 1982, em duas missões, os sítios Lapa do Boqueirão Soberbo e Barreirinho I, ambos em Varzelândia. Foi neste período que, entre outros sítios prospeccionados, o sítio do "Zé Preto" foi registrado.

Ainda naquele mesmo ano foi o sítio escavado, tendo sido o trabalho completado em 1984<sup>1</sup>.

O sítio em questão é uma caverna calcária, formada por um amplo salão principal, com 18m de boca e 10m de profundidade, considerando-se aqui a área protegida. Como os demais sítios da região, está inserido em um “boqueirão”, isto é, um canhão cortado por um pequeno curso d’água, na borda do planalto de Campo Redondo. Este é, a grosso modo, constituído por um campo alto, suavemente ondulado, com cerca de 50 a 100 metros de altura, em relação ao planalto principal do norte de Minas onde se localiza a sede municipal. A borda deste campo alto é escarpada e o terreno calcário forma uma infinidade de vales estreitos por onde escoam as águas que nele se originam. Estes vales se aprofundam suavemente entre o patamar do campo e o planalto principal, formando os canhões, que têm uma tendência a se alargar à medida que descem de nível. As águas, que abriram estes boqueirões, também cavaram inúmeras cavernas e abrigos em níveis diferentes e ao longo dos paredões.

O boqueirão situa-se numa fazenda local<sup>2</sup> e recebeu o nome de “Véio Neco” (velho Neco, ou “Manoelzinho”), mas na falta de um nome próprio para a caverna, a equipe do IAB batizou-a com o nome do guia “Zé Preto” (José Ferreira de França). De acordo com o sistema em uso no IAB foi o sítio siglado MG-VG-27. Suas coordenadas são: W Gr. 44<sup>o</sup> e 15<sup>o</sup> 45’s.

#### *Meio Ambiente*

O Município de Varzelândia está localizado no norte de Minas Gerais, onde, juntamente com outros municípios, forma a área de cadastramento VG (Verde Grande), integrante da Frente VI do PROPEVALE. Os principais recursos da região, que é um município relativamente recente (emancipou-se do Município de S. João da Ponte há apenas 20 anos), são a criação de gado e a cultura do milho. Localiza-se à margem direita do São Francisco e seu rio principal é o Verde Grande, afluente deste. A exceção do Verde Grande, a região não possui rios importantes.

A região encontra-se dentro do chamado “polígono das secas”, em consequência da irregularidade das precipitações. Esta, contudo, varia entre 1.800 a 1.200mm anuais. A temperatura é de 22<sup>o</sup> a 24<sup>o</sup>, com a mínima variando entre 17<sup>o</sup> e 19<sup>o</sup> e a máxima de 30<sup>o</sup> a 32<sup>o</sup>. O clima é o Aw de Köppen, com chuvas de verão.

A cobertura vegetal parece refletir uma transição entre o cerrado e a caatinga: existem áreas de cerrado, de caatinga e áreas mistas, onde encontramos tanto plantas características de cerrado – “araticum” (*Annona sp.*), “cagaiteira” (*Eugênia sp.*), “tingui” (*Magonia sp.*), “piqui” (*Caryocar brasiliensis*), etc. bem como de caatinga – cactáceas diversas; “umbuzeiro”

1. Em ambas as missões os trabalhos foram financiados pelo Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).
2. A fazenda é de propriedade do Sr. Abílio dos Santos, a quem agradecemos pelo apoio bem como aos nossos dois guias na região Sr. José Ferreira de França (“Zé Preto”) e José Gonçalves Queiroz (“Zezinho”).

(*Spongea tuberosa*), “juazeiro” (*Solanum sp.*), “imburana” (*Bursera leptophleas*), “barriguda” (*Choristia sp.* e *Cavallinesia sp.*), etc. Além disso, a região encontra-se no alto da Serra do Sabonetal (chapada divisor de águas do São Francisco e Verde Grande), a mais de 700m de altitude, o que ameniza o clima e faz com que existam zonas que se enquadram na floresta latifoliada tropical. As matas ciliares e a vegetação cárstica, em conformação com o relevo calcário, também estão presentes.

Os terrenos são principalmente sedimentos antigos (primários e secundários). Apresenta formação da série Bambuí, com relevo cárstico. Possui afloramentos sucessivos de rocha calcária, com formação de blocos variados. As diaclases e os corredores de dimensão variada são comuns.

Bastante comuns em Varzelândia são os chamados “boqueirões”: canhões, na maior parte estreitos, abertos nos paredões calcários por rios que hoje estão reduzidos a córregos, que só possuem água durante as chuvas e que se entrecruzam, pois os pequenos terminam nos médios e estes, por sua vez, nos maiores, formando-se assim verdadeiros “labirintos de vales”. O final destes boqueirões maiores, normalmente, é caracterizado por uma área de baixadas alagadiças, onde frutificam palmáceas como a gariroba (*Syagrus oleancea*). Estes boqueirões funcionam como verdadeiras reservas para a fauna, neles encontrando-se desde um grande número de aves até felinos e é justamente nestes boqueirões que se encontram os sítios por nós pesquisados (sendo que um deles, a Lapa do João Branco, MG-VG-17, já se encontra na área de baixadas). O número de boqueirões é incalculável, cada um deles com diversas grutas ou abrigos e estes, normalmente, com vestígios de ocupação humana.

Toda a região de Varzelândia é ainda bem pouco devastada e podemos encontrar com facilidade animais como o “jacu” (*Penelope sp.*), “cachorro-do-mato” (*Cerdocyon-sp.*), “tamanduá” (*Myrmecophaga sp.*), “porco-espinho” (*Coendu-sp.*), “guariba” (*Allouta sp.*), “onça” (*Felis sp.*), “gato-do-mato” (*Felis sp.*), “jaguatirica” (*Felis sp.*), “guará” (*Chrysocion sp.*), “veado-catingueiro” (*Mazama sp.*), “tiu” (*Tupinambis sp.*), etc.

## 2. O SÍTIO

Conforme foi sumariamente descrito anteriormente, o sítio se localiza em um pilar tectônico que forma a margem de um “canhão” cavado pelas águas de um rio, atualmente sazonal. Este canhão ainda se encontra florestado em sua maior parte, exceto sua porção mais alta, transformada em área de plantio. A grosso modo está, ainda, regularmente bem protegido.

A caverna que constitui o sítio arqueológico é uma das inúmeras escavações que se encontram no paredão. Destas, no entanto, seja pela inexistência de solos ou exigüidade das dimensões, somente uma foi ocupada na pré-história. O sítio em questão beneficia-se por estar voltado para o nascente, ter boa areação e ser regularmente bem iluminado. É, também, bastante seco, mesmo possuindo algumas pequenas “pingadeiras” no seu interior.

O sítio compõe-se de dois salões ligados por passagem desimpedida. Embora sejam encontradas pinturas rupestres em ambas, somente uma apresenta solo com ocupação arqueológica passível de escavação. As condições de habitabilidade são de tal ordem que, recentemente, foi ela ocupada por grupos de colonos, que construíram jiraus nos seu interior (ainda perfeitamente conservados).

Esta caverna principal tem de boca 18 metros e 10 metros na sua parte mais profunda, considerando-se aqui somente as áreas passíveis de utilização para moradia. Na verdade, a gruta se aprofunda em corredores escuros pela montanha, sem que tenham sido localizadas evidências arqueológicas nestas áreas.

Como poderá ser observado pela planta topográfica anexada, a partir do marco zero há uma suave elevação em direção ao interior da caverna, formando as curvas de níveis ângulos de cerca de  $45^{\circ}$  em relação a uma linha imaginária perpendicular à boca. Na verdade, as linhas correm em sentido Norte-Sul. A partir daquele "datum" elas atingem a cota de mais de 140cm, nos limites da área arqueológica. Há, pois, um desnível suave, indicando a direção do entulhamento, no sentido interior/boca. Grande quantidade de blocos juncam o chão do salão principal. O segundo salão está completamente entulhado.

A caverna encontra-se a 10 metros de altura em relação ao córrego do fundo do "boqueirão".

### 3. OS TRABALHOS

Em 1982<sup>3</sup> iniciaram-se os trabalhos de escavação no sítio. Preliminarmente foi efetuada a topografia, medindo-se as curvas de nível a cada 10cm, a partir de um marco "zero" então estabelecido na lateral da caverna. O sítio foi, ainda, setorizado em quadrados de dois metros cada. A linha que corre longitudinalmente à boca foi alfabetada e aquela transversal numerada, de forma que cada setor de  $4m^2$  recebeu uma sigla, que o identifica, formada pela letra e pelo número menor a partir daquele marco.

A primeira tarefa da equipe foi a identificação e cópia de todos os painéis com sinalizações, trabalho que se estendeu para o salão secundário localizado à esquerda do principal. Foram preenchidas as fichas específicas, efetuada a documentação fotográfica e feitas as cópias em plástico.

A escavação propriamente dita, considerando o reduzido número de integrantes da equipe, se concentrou na abertura de dois cortes em sentido transversal à boca da caverna, localizados na linha alfabetada ("F") que corre na zona em que a caverna é mais profunda e sobre as linhas longitudinais "1" e "3". Desta forma, abordou-se basicamente o centro do sítio.

3. A equipe da Missão de 1982 foi composta por Ondemar Dias (coordenador), Paulo Seda e Divino de Oliveira.

Em 1984, uma equipe maior<sup>4</sup>, porém dispondo de menos tempo por ter ainda efetuado trabalhos nas lapas do Boqueirão Soberbo II e III, concentrou a escavação em três setores ligados sobre a linha “zero” e a partir da transversal “B” (setores B-Zero, C-Zero e D-Zero), desta maneira pesquisando a área mais iluminada, embora protegida do sítio. Complementarmente foi aberto o setor deixado em branco em 1982, entre os dois anteriormente escavados (sendo, então, escavado o setor “F-2”).

Como de praxe nas pesquisas do IAB, utilizou-se o método já descrito anteriormente (Dias Jr., 1981), ou seja, a abordagem em níveis métricos artificiais de 10cm cada, porém levando-se em consideração as camadas naturais observadas, evitando-se misturar material proveniente de camadas diversas (sendo, então, efetuadas tantas coletas diferenciadas quanto as necessárias para serem mantidas as peculiaridades de cada camada, mesmo que ocorrentes em um mesmo nível métrico).

Para cada nível escavado foram preenchidas as fichas usuais e todo o material foi peneirado, recolhendo-se todas as evidências de todas as classes de material. Guardou-se e ensacou-se o material segundo cada nível, de cada setor e de acordo com sua classe.

#### 4. ESTRATIGRAFIA E ACERVO CULTURAL

Em resultado das escavações no sítio do “Zé Preto” ficou patenteada a existência de duas camadas estratigráficas, que podem ser sumarizadas com as seguintes características:

Camada I – Espessura média de 20cm. Nas proximidades da linha “Zero” é mais delgada, variando entre 11 e 15 cm. Nas linhas “1” e “2” tem entre 20 e 25cm de espessura e, além, uma delgada capa mais escura na superfície.

Coloração predominantemente esbranquiçada. Pó de calcário, friável, com áreas mais compactadas que o comum, normalmente na base da camada. Argilas e pó de coloração acinzentada, rosa, avermelhada ou amarela, ocupando pequenos espaços nos seis setores escavados.

A compactação é variada. Friável na superfície e mais compacta na base, com áreas apresentando maior firmeza e umidade no interior. A camada é praticamente homogênea, mas existem intromissões de raízes e pequenos trechos perturbados. Muitas pedras e blocos calcários, provavelmente caídos do teto em épocas diversas. As dimensões são variáveis, algumas com mais de um metro cúbico, outras com menos de 10cm em cada lado.

Estruturas: nas proximidades da linha “Zero” foram encontradas fogueiras delimitadas claramente na base da camada, pequenas e distanciadas cerca de 2 metros entre si. Carvão esparsa abundante em todos os setores e em toda a sua espessura. Uma fogueira foi registrada, organizada sobre blocos de calcário arrumados como suporte. Foi, também, localizado um conjunto de ossos humanos fragmentados em área circular de 40cm de diâmetro.

4. Além dos três elementos da Missão de 1982, integraram à equipe Eva Sellei, Eutália Pons, Marcos Zimmermann, Christiane Machado e Márcia Bezerra.

A ocorrência principal foi de “coquinhos” calcinados, provavelmente de “gariroba” (*Syagrus oleancea*) em quase todos os setores e nos dois níveis escavados. Ossos de animais de pequeno porte, especialmente “mocós” (*Kerodon rupestres*). Comuns os “Megalobulimus” inteiros ou fragmentados, alguns com perfurações, mais ocorrentes no interior do sítio.

O material arqueológico predominante é o lítico, especialmente de sílex e calcadônia, lascados, inclusive raspadores plano-convexos. Predomina a indústria de lasca, mas foi registrado artefato de bloco. A cerâmica ocorre especialmente no interior do sítio, com destaque a pequeno vaso coletado quase inteiro e provavelmente neo-brasileiro, enterrado a partir da superfície.

Os artefatos ósseos são raros, destacando-se uma ponta espatulada de osso longo, fragmentada. Em madeira foi recolhido um artefato alongado, lembrando a extremidade de um “arco”, embora não possua ranhura para fixação de corda.

Esta camada está datada em 1095<sup>±</sup>50 (ou 855 d.C.) – SI-5503. Carvão proveniente da fogueira da base da camada, feita sobre os blocos de calcário (Setor B-Zero, nível 10/20cm), com “gariroba”.

Camada II – Espessura média de 25cm, sendo mais profunda na área próxima ao “marco zero” e no interior do sítio (setor F-3). Coloração avermelhada, sendo que no nível superior é menos compacta e apresenta manchas localizadas, cinzentas ou marrom-escuras. Nos níveis mais baixos predomina o calcário decomposto e a camada torna-se mais compactada, com coloração tendendo para o ocre. Ocorrem pelotas e fragmentos de argilas da base. Esta é estéril e se encontra, em média aos 50cm de profundidade.

Para efeito de descrição e análise preliminar, foi ela dividida em três.

A camada II superior é encontrada em todos os setores escavados e tem 10cm de espessura; a II média em quatro setores (B-Zero, C-Zero, F-1 e F-3) e a camada II base, em três setores (B-Zero, C-Zero e F-3). Esta última compreendendo a profundidade de 40 a 60cm.

A camada II superior apresenta intromissões de raízes e pedras caídas do teto (blocos calcários), sendo de compactação homogênea e predominantemente friável. Continuam ocorrendo os coquinhos calcinados, assim como os pequenos ossos fragmentados e gastrópodes, especialmente “Megalobulimus”, “Solaropsis” e “Thaumastus”, alguns inteiros e a maioria fragmentada. Fogueiras com ossos e coquinhos em todos os setores, normalmente circulares, pequenas, pouco profundas e com média de 60cm de diâmetro.

Em termos de acervo, predomina o lítico, especialmente lascas de calcadônia e sílex.

A camada II média não apresenta mudanças de coloração em relação à superior, exceto quanto ao aumento do calcário decomposto. Diminuem as fogueiras, somente registradas em dois setores (com 80 x 80cm),

mas seguem comuns os coquinhos calcinados e o carvão esparso. São raros os ossos fragmentados e diminui a ocorrência de gastrópodes. Foi localizado um sepultamento (certamente do horizonte superior) em cova de 50cm de diâmetro, com ossos de mais de um indivíduo.

No setor F-3 foram localizados dois raspadores plano-convexos alongados ("lesmas") de sílex e arenito duro, além de duas pontas ósseas. De uma maneira geral diminui o acervo arqueológico.

A camada está datada em 1785  $\pm$  55 (ou 165 d.C.) - SI-5505. Carvão proveniente de fogueira, com coquinhos calcinados, do setor B-Zero, nível 30/40cm.

Camada II inferior - Base do sítio. Coloração predominante ocre, de argila empelotada, com áreas avermelhadas e com muito calcário decomposto. Dos três setores em que foi registrada, somente ocorre material em um deles (C-Zero), muito pouco significativo, mas ainda foram recolhidos os coquinhos calcinados de gariroba e ossos humanos fragmentados.

Por estes dados pode-se concluir que a gruta foi sistematicamente utilizada como área de habitação, destacando-se a quantidade de fogueiras localizadas no horizonte mais recente, pequenas e espaçadas, sugerindo intenso uso local. Em todos os níveis elas mantinham restos de coquinhos de gariroba e, mais raramente, ossos pequenos, indicando um padrão de aproveitamento dos recursos locais. Foi, ainda, usada como local de sepultamento secundário, porém em escala mais reduzida, em termos dos dados disponíveis.

Suas reduzidas dimensões não permitem analisar com segurança deslocamentos espaciais ao longo do tempo, além daqueles que logicamente deveriam ocorrer por qualquer tipo de comunidade que ali habitasse. Estas mesmas dimensões, no entanto, permitem supor que deveriam tratar-se de grupos humanos não muito numerosos e, se as fogueiras pudessem indicar contemporaneidade, por estarem em níveis semelhantes, poderiam ser fogos domésticos provavelmente familiares. Estando, na camada I, distanciados cerca de 2 metros entre si, poderiam falar sobre a permanência de pequenos grupos.

Outros dados serão comentados quando da discussão do acervo arqueológico em outro trabalho.

Em síntese, pois, embora faltem dados sobre peculiaridades econômicas e adaptativas mais complexas, pode-se aventar com alguma segurança a hipótese de que o sítio foi habitado por pequenas comunidades familiares, adaptadas ao ambiente vizinho, mas compartilhando uma tecnologia lítica de ampla dispersão no interior do país e, mais recentemente, adotando a confecção de cerâmica, que poderia indicar, guardadas todas as cautelas, alguma prática horticultora (faltam, no entanto, evidências mais seguras nesta direção).

## 5. ARTE RUPESTRE

A arte rupestre do Sítio Lapa do Zé Preto é relativamente pobre, embora as paredes estejam repletas de borrões provocados pela alta umidade das paredes, o que pode indicar que no passado o sítio apresentava muito mais sinalações do que agora.

As pinturas estão disseminadas pelas paredes tanto no sentido horizontal quanto no vertical, não se percebendo área de concentração, sendo encontradas na parede do corredor, entre o fundo e o bloco central, no próprio bloco e na parede do fundo do abrigo. Foram determinados oito painéis, numerados da direita (entrada) para a esquerda, assim distribuídos (Quadro 1):

Painel 1 – Dois não figurativos (D1 e D3) localizados na entrada, à direita;

Painel 2 – Um antropomorfo (A1) localizado no bloco central, à esquerda da entrada;

Painel 3 – Um antropomorfo e um não figurativo (A2 e D2) localizados na parede do fundo, no corredor;

Painel 4 – Um zoomorfo (B1) localizado na parede do fundo, no corredor;

Painel 5 – Um zoomorfo (B2) localizado na parede do fundo, no final do corredor;

Painel 8 – Três zoomorfos (C1, 2, 3) e dois antropomorfos (A3 e 4) localizados no bloco central, na boca da lapa entre os dois salões.

Os painéis 6 e 7, localizados na parede do fundo do salão entulhado, estão completamente oxidados, não podendo identificar-se qualquer forma.

O menor painel tem 32cm x 28cm (painel 4) e o maior é de 147cm x 65cm (painel 8).

As pinturas localizam-se desde 50cm a 1 metro do solo atual. Sua visibilidade é boa, embora as pinturas estejam muito apagadas. Não ocorre aparentemente exposição destas ao sol, mas sim à umidade.

Quanto à localização das obras, não pudemos observar qualquer preferência ou disposição espacial, bem como utilização do relevo ou composições. Observou-se ainda a ausência de superposições e de cenas. Há contudo alguma noção de movimento, mas esta não é muito expressiva.

Podemos dizer que a consistência da tinta empregada era mais líquida do que pastosa e para execução parecem ter sido utilizados pincéis e gravetos, o que se depreende pela espessura dos traços e pelo fato dos preenchimentos das figuras serem bastante uniformes.

De acordo com a terminologia utilizada no Instituto de Arqueologia Brasileira (cf. Dia Jr., 1979), os motivos identificados nas pinturas são zoomorfos (grupos B e C), antropomorfos (grupo A) e não figurativos (grupo D). A técnica empregada é a silhueta aparecendo somente uma figura linear. Todos receberam tratamento esquemático e a cor empregada foi o vermelho ocre.

A estilização das pinturas torna difícil a definição da perspectiva. Sendo assim, resolvemos considerar as figuras do grupo A como vistas de frente e as figuras dos grupos B e C como vista longitudinal e em perfil absoluto<sup>5</sup>. Nas pinturas em silhueta não se percebe a existência de um contorno prévio e esta, se existiu, desapareceu quando foi preenchida a figura.

Não encontramos elementos capazes de dar uma datação ou cronologia às pinturas, nem tão pouco elementos suficientes para enquadrar o sítio em uma das tradições propostas para Minas Gerais. Só com o aprofundamento dos estudos na região de Varzelândia é que será possível enquadrar o Sítio Lapa do Zé Preto em alguma das Tradições.

## 6. CONCLUSÃO:

O presente texto inaugura uma série de trabalhos que pretendemos divulgar sobre os sítios escavados pelo IAB em Varzelândia. Além disso, pretende-se a publicação futura das análises dos materiais recolhidos nestes sítios, resultado dos trabalhos de laboratório desenvolvidos por nossa equipe. A divulgação dos dados de tais sítios preenche a necessidade de conhecimento dos mesmos pela comunidade, enquanto aguarda-se a preparação e publicação da monografia da região.

Evidentemente, como os dados coletados ainda não tiveram uma análise mais profunda, fica claro que as conclusões que podemos apresentar são muito poucas e parciais. Contudo, consideramos válida a apresentação destes dados superficiais, como divulgação de pesquisas em uma área que parece possuir um acervo arqueológico bastante expressivo.

A Lapa do Zé Preto representa, de forma bastante característica, os sítios padrões de Varzelândia: abrigos ou grutas localizados nos boqueirões, camada ocupacional pouco espessa, mas com ocupação contínua, fogueiras localizadas e de dimensões médias, material cerâmico nos níveis mais superficiais, artefatos líticos tendo como matéria prima básica a calcidônia e o sílex, economia centrada no consumo de pequenos animais e frutos (coquinhos), presença de arte rupestre (variando sua intensidade de sítio para sítio).

O material cerâmico recolhido na Lapa parece assemelhar-se com o encontrado nas escavações dos demais sítios de Varzelândia. É bem provável que o material destes sítios venha a constituir, após os costumeiros trabalhos de seriação, correlação e interpretação, uma nova fase. Importante ainda, foi a localização de cerâmica neo-brasileira em abrigos do norte de Minas Gerais.

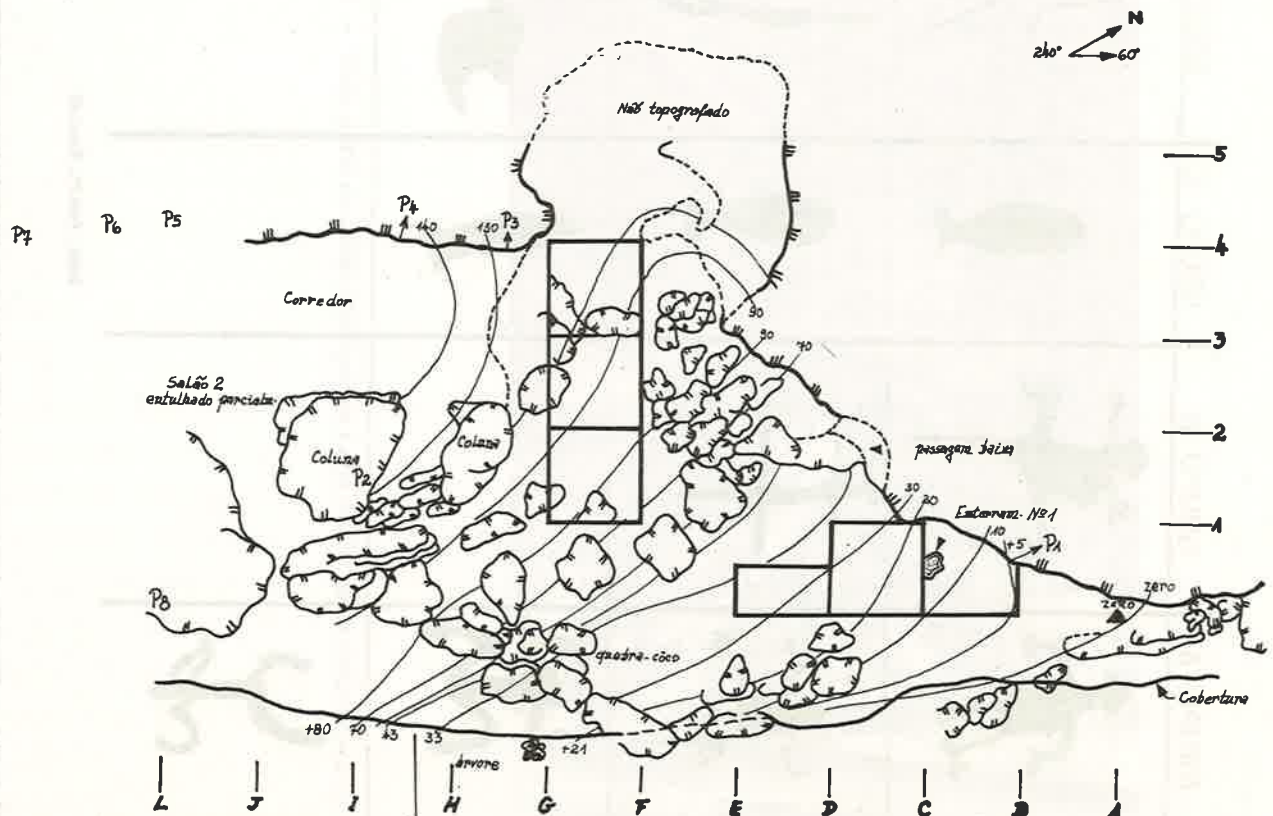
Quanto ao material lítico, embora típico (núcleos, raspadores, lascas, estilhas, etc.) destaca-se pelo encontro de "lesmas" (raspadores plano-convexo) em camada datada de 1.095 anos a.P., ou seja, fora do que se convencionou chamar de Paleo-Índio Brasileiro. Tal fato torna-se importante,

5. Segundo terminologia apresentada por P. Colombel, em curso ministrado na USP (1979).

pois demonstra que se as “lesmas” são artefatos característicos do Paleolítico, não são destes exclusivos.

No tocante à arte rupestre, em que pese o fato de neste sítio não ser das mais ricas, nela encontramos elementos comuns à região (como, por exemplo, as representações de lagartos, presentes em todos os sítios). Por outro lado, de uma forma geral, as sinalações de Varzelândia parecem se enquadrar no esquema geral que vem sendo proposto para a “Tradição São Francisco” (Prous, Lanna e Paula, op. cit.).













Finalmente, as informações obtidas para a região de Varzelândia excedem este sítio prevendo-se, inclusive, um retorno à região para a escavação de mais uma gruta (a Lapa do Varal). As perspectivas de novos sítios são excepcionais: o número de boqueirões é incalculável, cada um deles com diversas grutas e abrigos e estes, normalmente, com vestígios de ocupação humana. A análise do material até agora obtido e o aprofundamento das pesquisas deverão trazer novas e importantes luzes sobre o povoamento pré-histórico do norte de Minas Gerais, importância esta, reforçada pelo fato desta região ser uma zona de transição entre dois espaços ambientais distintos, a caatinga e o cerrado, o que pode acarretar possíveis correlações com grupos adaptados a estes dois ambientes.



Planta da Lapa do Zé Preto  
 MG-VG-27  
 Varzelândia - MG

Escala 0 50 100 200

Orig. Des: O. Dias  
 Copiada: E. SELLEI

	GRUPO A	GRUPO B	GRUPO C	GRUPO D
1				
2				
3				
4				

DES. FOAM. BELLO

Quadro I – Grupos dos motivos representados nas pinturas da Lapa do Zé Preto, Varzelândia. Grupo A (antropomorfos); Grupo B-C (zoomorfos) e D (não-figurativos).



Foto 1 – Vista geral do salão principal da Lapa do Zé Preto (MG-VG-27).



Foto 2 – Detalhe das escavações.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, E. T. e SEDA, P.

- 1982 - "Os sítios com sinalações pesquisados pelo IAB: Um guia para cadastramento."  
*Boletim do Instituto de Arqueologia Brasileira*, Rio de Janeiro, 9: 23-67.

DIAS JR., O. F.

- 1979 - "Um método de classificação para arte rupestre."  
*Boletim do Instituto de Arqueologia Brasileira*, Rio de Janeiro, 8: 55-67.
- 1981 - "Pesquisas arqueológicas no sudeste brasileiro".  
*Boletim do Instituto de Arqueologia Brasileira*, Série Especial, Rio de Janeiro, 2: 2-22.

PROUS, A.; LANNA, A. L. D. e PAULA, F. L.

- 1980 - "Estatística e cronologia na arte rupestre de Minas Gerais". *Pesquisas*, Série Antropologia, São Leopoldo, 31:121-146.

SEDA, P.

- s.d. - "Novos sítios com sinalações no norte de Minas Gerais."  
*IV Jornada de Arqueologia*, ISCB - Museu Naval e Ocean. do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1982 (no prelo).
- 1982 - "A Arte Rupestre de Unaf, Minas Gerais." In *Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira*, 1, Rio de Janeiro, Atas..., Belo Horizonte, Arquivos do Mus. de Hist. Nat., v. VI/VII : 397-408.

SEDA, P.; SILVA, L. P. R. e MENEZES, R.

- 1983/84 - "A Arte Rupestre da Serra do Cabral (MG) e a ocupação humana nos abrigos da região: abordagem inicial." In: *Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira*, 2, Belo Horizonte, Atas..., Belo Horizonte, Arquivos do Mus. de Hist. Nat. v. VIII/IX : 155-84.